

O jornalismo, uma profissão de luta

ROSELI FIGARO

*Escola de Comunicações e Artes
Universit  de São Paulo
Brasil
Roseli.figaro@gmail.com*

MARÍA ELENA HERNÁNDEZ RAMÍREZ

*Centro Universitario de Ciencias Sociales y
Humanidades
Universidad de Guadalajara
México
me.hernandez.ramirez@academicos.udg.mx*

FLORIAN TIXIER

*MICA & ReSIC
Universit  Bordeaux Montaigne / Universit  libre de
Bruxelles
France / Belgique
Florian.tixier@ulb.be*



oportuno que os profissionais da imprensa reconheçam a influência dos valores subjacentes à sua prática, contrariamente à concepção de uma busca imparcial pela verdade, conforme advoga o sociólogo do jornalismo Michael Schudson (2019, p. 21). Schudson discute a história da desconfiança pública em relação aos jornalistas, destacando que a confiança depositada neles é frequentemente questionada devido a críticas dirigidas às suas condutas profissionais e às percepções de envolvimento político e social. Estas questões refletem uma série de desafios enfrentados pela profissão, incluindo a defesa da liberdade de imprensa, a independência dos meios de comunicação, o acesso   informação, a proteção de fontes, a cobertura de questões ambientais e da crise climática, bem como a denúncia de escândalos econ micos e financeiros, o mais recentemente, a reportagem exata do conflito israelo-palestino. Recentemente, três artigos escritos por jornalistas têm se destacado ao abordar uma identidade jornalística centrada nos desafios da profissão e nos próprios jornalistas, convidando a sociedade a entendê-los e apoiá-los de maneira mais eficaz.

O primeiro desses artigos, intitulado „Defendendo o jornalismo em um mundo dominado por mentiras“⁴¹, elabora sobre a visão do jornalismo como um contrapoder, conforme delineado pelo jornalista mexicano Agustín del Castillo. Este autor destaca o jornalismo

**Pour citer cet article, to quote this article,
para citar este artigo :**

Roseli Figaro, María Elena Hernández Ramírez, Florian Tixier, « O jornalismo, uma profissão de luta », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online], Vol Vol 13, n 1 - 2024, 15 juin - june 15 - 15 de junho - 15 de junio.

URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v12.n2.2023.585>



não apenas como um direito humano, mas também como uma profissão vital para os sistemas democráticos. Del Castillo ressalta os desafios enfrentados pelos jornalistas em meio à crescente crise de credibilidade, exacerbada pela proliferação de discursos e opções informativas que frequentemente colocam interpretações subjetivas acima dos fatos verificáveis. Esta luta contra a disseminação de notícias falsas tem sido um dos principais embates da profissão ao longo da última década (Broda & Strömbäck, 2024).

A questão da confiança pública nos jornalistas também é central em um artigo de 2022 escrito por Sharon Moshavi, ex-repórter sênior e correspondente estrangeira, atualmente presidente do Centro Internacional para Jornalistas (ICFJ). No artigo, Moshavi proclama: „Confie em mim, sou um jornalista”². Moshavi descreve os obstáculos, problemas e desafios que prejudicam o jornalismo atual. Ele se refere às medições do Edelman Trust Barometer 2021, que indicam que „a confiança na mídia tradicional está em um nível mais baixo de todos os tempos”. Ele conclui que os jornalistas são cada vez menos vistos como „vozes independentes”, que a desinformação compete com os fatos e que „alguns „maus atores” atacam ativamente a credibilidade dos jornalistas e, com muita frequência, são bem-sucedidos, graças ao ambiente propício do atual ecossistema de mídia social”. Ele cita, em particular, o exemplo da jornalista Maria Ressa, ganhadora do Prêmio Nobel da Paz de 2021, que tem sido alvo de violentos ataques online com o objetivo de desacreditá-la e ao seu trabalho jornalístico.

Finalmente, Rosamund Urwin, editora de mídia do Sunday Times, oferece reflexões sobre seis anos de cobertura do movimento #MeToo durante um seminário organizado pelo Reuters Institute. Além de fornecer orientações práticas para jornalistas que reportam sobre violência de gênero e sexualidade, Urwin destaca os desafios enfrentados pelos profissionais nesta área sensível. Ela enfatiza o compromisso contínuo dos jornalistas com a cobertura desses temas, muitas vezes colaborando com ativistas da sociedade civil, apesar das possíveis repercussões negativas em suas carreiras.

As lutas enfrentadas pelos jornalistas podem ser analisadas através de movimentos tanto internos quanto externos à sua profissão. Internamente, essas lutas se concentram na defesa da liberdade de imprensa e na autonomia dos jornalistas (Dupuy, 2013) como um grupo profissional coeso (Ruellan, 2011). Externamente, envolvem a participação na midiaticização de disputas políticas e sociais, influenciando a agenda pública e colaborando em eventos de protesto com ativistas (Aubin, Neveu & de Souza Paes, 2022; Cervera-Marzal, 2015). A literatura especializada explora extensivamente o impacto da mídia nos movimentos sociais,

variando de uma forte interdependência (Champagne, 1984) à autonomia relativa (Obershall, 1993), e discute a emergência de novas mídias alternativas e ativistas, notadamente a mídia feminista (Fagundes-Ausani, 2023).

A CONSTRUÇÃO DE UM JORNALISMO SUPOSTAMENTE „LIVRE DE QUALQUER COMPROMISSO”

Seja nas lutas internas ou externas, os jornalistas inevitavelmente se comprometem com a profissão ou com causas políticas e sociais específicas. No entanto, o conceito de compromisso permanece uma característica identitária frequentemente desconfortável para os jornalistas, muitos dos quais evitam sua discussão em prol de uma imagem de excelência delineada por certos ideais mitificados do jornalismo. Esses valores, como objetividade e independência, são amplamente explorados na literatura acadêmica (Cornu & Ruellan, 1993; Gauthier, 1991, 2004; Tuchman, 1972). O ideal do jornalista „intransigente” (Lévêque & Ruellan, 2010), modelado no jornalismo anglo-saxão centrado nos fatos (Schudson, 1978), parece ter se consolidado como um mito profissional, relegando a um segundo plano um estilo de jornalismo mais opinativo, historicamente associado à tradição francesa (Ferenczi, 1993). Nos Estados Unidos, conceitos como neutralidade política, imparcialidade e objetividade surgiram com a profissionalização do jornalismo no início do século XX (Schudson, 2001). No contexto brasileiro, a adoção do modelo norte-americano de jornalismo teve início na década de 1950, mas levou cerca de trinta anos para que esse processo de distanciamento do engajamento intelectual fosse plenamente estabelecido. A importância das lutas jornalísticas em prol das liberdades democráticas se destacou especialmente nas décadas seguintes (Fico, 2010), refletindo “o desejo das gerações dos anos de 1960 e 1970, de protagonizar as transformações sociais que pregavam” (Kucinsky, 2003, p.5).

A contraposição, tanto real quanto construída, entre um jornalismo neutro, independente de influências externas e focado na apresentação de fatos objetivos, e um jornalismo político e comprometido, que se engaja ativamente na vida pública para fornecer aos cidadãos as ferramentas para interpretar questões democráticas (Lemieux, 1992), fundamenta o debate sobre o compromisso (ou a falta dele) dos jornalistas. A ambivalência do engajamento jornalístico se manifesta nas tensões entre a proximidade e o distanciamento ou, conforme destacado por Cyril Lemieux, entre os dois mandatos contraditórios representados pela gramática pública (associada ao distanciamento) e pela gramática privada (associada ao engajamento) (Lemieux, 2009).

Sandrine Lévêque discute amplamente o conceito de engajamento, que, embora tenha sido objeto de estudo frequente por pesquisadores da ciência política, ainda carece de uma definição precisa (Lévêque, 2016, p. 46). Em contextos políticos e ativistas, o engajamento refere-se ao compromisso de longo prazo de um indivíduo com uma organização política ou movimento social para advogar ideias ou causas específicas. No jornalismo, o engajamento deve ser compreendido dentro da tensão paradoxal entre os papéis de informar e refletir a sociedade. Jornalistas operam tanto em proximidade quanto em distância em relação às suas fontes e públicos (Lévrier, 2016). O engajamento, portanto, é incorporado a uma problemática mais ampla que envolve a navegação entre esses dois polos. Jornalistas não se engajam sem razão, e o engajamento pode ser visto como um recurso que possibilita a realização profissional, sendo frequentemente precedido por fases de engajamento prévias ao ingresso na profissão jornalística, como envolvimento político, associativo ou sindical (Lévêque, 2000). Engajar-se, portanto, implica tomar partido, adotar um ponto de vista sem obscurecer fatos controversos, conforme observado por Max Weber (1919; 2003), e, assim, participar ativamente de um debate.

Em um artigo dedicado ao conceito de comprometimento, Howard Becker também explora os múltiplos significados associados a essa noção, definindo-o como „um conceito descritivo usado para destacar um tipo de ação característica de grupos ou indivíduos específicos [...], e como uma variável independente para explicar certos comportamentos“ (Becker, 2006, p. 1). A investigação sobre o comprometimento permite, portanto, analisar tanto a adesão individual dos atores a trajetórias coerentes de atividade quanto a dimensão coletiva do comprometimento com uma causa ou luta (Becker, 2006). Assim, o comprometimento pode ser entendido como um comportamento coerente, tanto individual quanto coletivo, baseado em critérios como a duração do envolvimento e o compartilhamento de objetivos comuns, embora as atividades possam variar amplamente. O comprometimento pode ser visto como uma escolha consciente, uma vontade de intervir no cenário público, dar voz a uma perspectiva da verdade e, se necessário, confrontar consciências, participando assim ativamente na moldagem da narrativa social em evolução, conforme exposto por Etienne Quignon (2015) em seu estudo sobre o comprometimento de Albert Camus como jornalista.

MÚLTIPLAS LUTAS

As formas de comprometimento e luta adotadas pelos jornalistas podem assumir diversas configurações: desde a defesa de direitos trabalhistas, como observado entre jornalistas assalariados, autônomos

ou freelancers (Damian-Gaillard, et al., 2021), até o engajamento em questões de gênero, como evidenciado pelo movimento #MeToo que transcendeu o ativismo estruturado da mídia tradicional para influenciar novos espaços e discursos online feministas (Olivesi, 2017). Em diferentes épocas e contextos, jornalistas têm se comprometido com causas sociais (Lévêque, 2000), questões ambientais (Comby, 2009) e a integração europeia (Tixier, 2023), tanto em veículos tradicionais quanto em mídias especializadas, particularmente no ambiente digital.

Esta edição especial sobre „Jornalismo, uma profissão de lutas“ examina as batalhas históricas e contemporâneas travadas por jornalistas, redações e grupos profissionais em defesa do jornalismo, suas identidades, funções, práticas, autonomia, prerrogativas, territórios, bem como os direitos e interesses de seus profissionais. A discussão também abrange o papel dos jornalistas como empreendedores de causas (Cobb & Elder, 1972) ou empreendedores morais (Becker, 1963), participando ativamente de lutas políticas e sociais que moldam a sociedade contemporânea.

Várias questões fundamentais emergem quando se analisa as lutas no jornalismo: quais são suas causas, o que está em jogo, quem são os atores envolvidos, como essas lutas se desenvolvem, quais são os resultados alcançados e como superar os contratempos. Estudar essas lutas proporciona uma compreensão mais profunda da construção e implementação das identidades profissionais, das dinâmicas entre diferentes atores dentro do jornalismo em relação a outros contextos e mundos (Pereira et al., 2018). Além disso, possibilita uma análise do poder, do papel e da evolução do discurso profissional tanto dentro do jornalismo quanto na sociedade em geral. As lutas abrangem aspectos profissionais que visam proteger a integridade editorial (Dupuy, 2016), consolidar sua posição interna, garantir prerrogativas e influenciar mudanças nas práticas enquanto preservam a ética (Ferrucci & Kuhn, 2022). Elas também são mecanismos de resistência a pressões externas direcionadas ao trabalho individual ou à estrutura da mídia (González, 2021). Essas disputas se manifestam em formas variadas, incluindo coletivos estruturados, informais e efêmeros (Dupuy, 2016).

Os artigos reunidos nesta compilação focam em questões organizacionais e profissionais, explorando as batalhas travadas por jornalistas e diferentes grupos ou subgrupos profissionais para defender o jornalismo, tanto interna quanto externamente. Eles destacam a combatividade e o engajamento dos jornalistas em diversas frentes, ilustrando lutas contemporâneas em uma variedade de contextos. Os desafios enfrentados pelos jornalistas incluem desde o acesso à informação e transparência governamental até condições de tra-

balho, discriminação e desigualdade, além das novas ameaças como a desinformação promovida por atores poderosos e mudanças nos processos de produção e

interação com o público, que afetam profundamente suas identidades e autonomia profissional.

NOTES

¹ Del Castillo, Agustín (2024). Defensa del periodismo en un mundo dominado por la mentira. Blog La feria de las vanidades, 3 de mayo, 2024. Consultado on 10/06/24 : <https://wordpress.com/read/feeds/158136140/posts/5222682466>

² Moshavi, Sharon (2022). Confie em mim, sou jornalista. IJNET International Journalists Network, 10 de janeiro de 2022. Consultado em 10/06/24 <https://ijnet.org/pt-br/story/confie-em-mim-sou-jornalista>

REFERÊNCIAS

- Aubin, F., Neveu, E., & de Souza Paes, P. (2022). Journalistes et construction médiatique des problèmes publics. *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo*, 11(2). <https://doi.org/10.25200/SLJ.v11.n2.2022.495>
- Becker, H. S. ([1963] 1985). *Outsiders: Études de sociologie de la déviance*. Paris, France : Métailié.
- Becker, H. S. (2006). Sur le concept d'engagement. *SociologieS*, 1–11.
- Broda, E., & Strömbäck, J. (2024). Misinformation, disinformation, and fake news: lessons from an interdisciplinary, systematic literature review. *Annals of the International Communication Association*, 48(2), 139–166. <https://doi.org/10.1080/23808985.2024.2323736>
- Cervera-Marzal, M. (2015). Un échange de bons procédés : Analyse des transactions entre journalistes et militants d'un collectif de désobéissance civile. *Terrains & travaux*, 27, 193–211. <https://doi.org/10.3917/tt.027.0193>
- Champagne, P. (1984), « La manifestation. La production de l'événement politique », *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n° 52-53, pp. 18-41.
- Cobb, R. W., & Elder, C. D. (1972). *Participation in American politics: The dynamics of agenda-building*. Baltimore, MA: Allyn and Bacon.
- Comby, J. (2009). Quand l'environnement devient « médiatique » : Conditions et effets de l'institutionnalisation d'une spécialité journalistique. *Réseaux*, 157-158, 157-190. <https://doi.org/10.3917/res.157.0157>
- Cornu, G., & Ruellan, D. (1993). Technicité intellectuelle et professionnalisme des journalistes. *Réseaux*, 11(62), 145–157. <https://doi.org/10.3406/reso.1993.2585>
- Damian-Gaillard, B., Montañola, S. et Saitta, E. (2021). *Genre et journalisme. Des salles de rédaction aux discours médiatiques*. Louvain-la-Neuve : De Boeck Supérieur.
- Dupuy, C. (2013). *Dynamiques professionnelles et salariales des journalistes* (Thèse de doctorat, École normale supérieure de Cachan - ENS Cachan). <https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-00948294>
- Dupuy, C. (2016). *Journalistes, des salariés comme les autres ? Représenter, participer, mobiliser*, 198 p. Rennes : Presses universitaires de Rennes.
- Fagundes-Ausani, M. (2023). *Le monde social du médiactivisme féministe numérique: Les trajectoires entre le journalisme, l'activisme en ligne et le militantisme politique* (Thèse de doctorat, Sciences de l'Homme et Société, Université de Rennes; Universidade de Brasília - UnB). Français. Retrieved from <https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-04360530>
- Ferenczi, T. (2007). L'information et ses contraintes. Dans : Thomas Ferenczi éd., *Le journalisme* (pp. 7-22). Paris : Presses Universitaires de France.
- Ferron, B. (2016). Professionnaliser les « médias alternatifs » : Enjeux sociaux et politiques d'une mobilisation (1999-2016). *Savoir/Agir*, 38, 21-28. <https://doi.org/10.3917/sava.038.0021>
- Ferrucci, P., & Kuhn, T. (2022). "Remodeling the Hierarchy: An Organization-Centric Model of Influence for Media Sociology Research", *Journalism Studies*, 1-19.
- Fico, C. (2010). La classe média brésilienne face au régime militaire: Du soutien à la désaffection (1964-1985). *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, 105, 155-168. <https://doi.org/10.3917/ving.105.0155>
- Gauthier, G. (1991). La mise en cause de l'objectivité journalistique. *Communication. Information Médias Théories*, 12(2), 80–115.
- Gauthier, G. (2004). La vérité : visée obligée du journalisme. *Les Cahiers Du Journalisme*, 13, 164–179.
- Gonzalez, R. A. (2021). "Mexican Journalism Under Siege. The Impact of Anti-press Violence on Reporters, Newsrooms, and Society", *Journalism Practice*, 15(3), 308-328.
- Kucinsky, B. (2003). *Jornalistas e revolucionários. Nos tempos da imprensa alternativa* (2^a ed.). São Paulo: Edusp.
- Lemieux, C. (1992). La Révolution française et l'excellence journalistique au sens civique. Note de recherche. *Politix*, 5(19), 31–36.
- Lemieux, C. (2009). *Le devoir et la grâce*. Economica.
- Lévêque, S. (2000). *Les journalistes sociaux. Histoire et sociologie d'une spécialité journalistique*. Rennes: Presses universitaires de Rennes.
- Lévêque, S. (2016). *De la professionnalisation journalistique à la professionnalisation politique au prisme du genre: Trajectoire de recherche* (HDR, Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne).
- Lévêque, S., & Ruellan, D. (2010). *Journalistes engagés*. Rennes : Presses universitaires de Rennes.
- Lévrier, A. (2016). *Le contact et la distance : le journalisme politique au risque de la connivence*. Neuilly-sur-Seine: CELSA Paris-Sorbonne.
- Oberschall A., 1993. *Social Movements : Ideologies, Interests and Identities*, New Brunswick, Transaction Publishers.
- Olivesi, A. (2017). Médias féminins, médias féministes : quelles différences énonciatives ?. *Le Temps des médias*, 29, 177-192. <https://doi.org/10.3917/tm.029.0177>
- Ouingnon, H. (2015). Journalisme et engagement : l'exemple de Camus. *Carnets, Deuxième série - 4*. <http://journals.openedition.org/carnets/1516>; <https://doi.org/10.4000/carnets.1516>
- Papaevangelou, Charis. (2023). Funding intermediaries: Google and Facebook's strategy to capture journalism. *Digital Journalism*. <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21670811.2022.2155206>
- Pereira, F., Tredan, O. & Langonné, J. (2018). Penser les mondes du journalisme. *Hermès, La Revue*, 82, 99-106. <https://doi.org/10.3917/herm.082.0099>
- Ruellan, D. (2011). *Nous, journalistes : déontologie et identité*. Saint-Martin-d'Hères (Isère) : PUG.
- Schudson, M. (1978). *Discovering the News, A Social History of American Newspapers*. New York: Basic Books.
- Schudson, M. (2019). La chute, le regain, et la chute de la confiance dans les médias. *Les Cahiers du journalisme - Débats*, 2(3), D19-D22. [https://doi.org/10.31188/Cajsm.2\(3\).2019.D019](https://doi.org/10.31188/Cajsm.2(3).2019.D019)

Tixier, F. (2023). « Des journalistes-citoyens 'unis dans l'adversité' : Les médias participatifs pan-européens face aux crises », in L. Avril, S. B. Faure, & V. Lebrou (Eds.), *C'est la crise' : Contribution à une sociologie politique de l'action publique européenne* (1 ed., 284 pages). Bruxelles : Peter Lang (La Fabrique du politique, 7).

Tuchman, G. (1972). *Objectivity as a Strategic Ritual ; An Examination of Newsmen's Notions of Objectivity*. *American Journal of Sociology*, 77(4), 660–678.

Weber, M. (1991). *Le savant et le politique*. Paris : C. Bourgois.

